

Reabilitação do edificado

Saber e saber fazer

Na crónica publicada nesta página no número anterior de **Pedra & Cal**, e a propósito da reconhecida urgência da reabilitação do parque habitacional das nossas cidades, falava-se da indispensabilidade de estudos visando sólidos conhecimentos, ao nível dos conceitos, das técnicas e das práticas, que possam orientar cabalmente as intervenções nesse domínio.



Lisboa.

Ao escrever isto, estava longe de prever o enorme volume e a surpreendente variedade e profundidade da informação que foi apresentada e discutida por ocasião do 3.º ENCORE, realizado em Maio passado no LNEC. Trata-se, nem mais nem menos, do que 148 comunicações e conferências referentes ao tema, reunidas em dois grossos volumes, cobrindo as mais diferentes áreas de intervenção e provenientes de vários países, avultando largamente as de origem portuguesa, muitas das quais produzidas por equipas do próprio Laboratório.

Desde logo, dezenas dessas comunicações referem-se ao restauro/reabilitação de monumentos e edifícios antigos, muitos deles classificados, envolvendo o diagnóstico e o tratamento de patologias dos mais diversos materiais, desde os estuques à pedra, ao tijolo, à madeira, às argamassas, à pintura, etc.

Neste campo, há que saudar, a propósito, a publicação recente de um trabalho fundamental do arquitecto José Aguiar, que vem coroar muitos anos de pesquisa atu-

rada sobre o tema no âmbito do LNEC. Trata-se de “Cor e Cidade Histórica – Estudos cromáticos e conservação do património”, editado em 2002 por FAUP – Publicações.

Mas o que mais nos interessa aqui são as dezenas de comunicações referentes a edifícios correntes de construção mais recente, envolvendo estratégias e metodologias de intervenção, materiais e técnicas de conservação e reabilitação, critérios de gestão, de garantia, de qualidade e de sustentabilidade, apoiadas em numerosos casos de estudo.

Perante este rico manancial de informação, fruto de um trabalho continuado e tantas vezes pioneiro, a questão que agora se coloca com toda a premência é esta: como fazer chegar todos esses conhecimentos aos responsáveis pelas obras, traduzindo-os em especificações precisas e aplicando-as no terreno, em trabalhos não apenas de excepção, mas sobretudo de manutenção e reabilitação corrente?

Trata-se aqui de um problema de carácter estrutural no país: como passar duma boa

teoria a uma igualmente boa prática? Já sabemos que mais legislação e mais regulamentos não chegam, embora possam justificar-se pontualmente, pois o que se torna necessário é passar de uma cultura de displicência a uma cultura de exigência, praticando uma formação contínua.

Perante o enorme desafio da reabilitação urbana e o panorama

que fica descrito, o que se pode propor ao prestigiado LNEC é que não fique por aqui. Acções de divulgação e formação em grande escala precisam-se! Envolvendo porventura associações, ordens e sindicatos do sector da construção e também gabinetes técnicos municipais. Porque seria bem frustrante que a abundância e a riqueza da investigação que foi apresentada no 3.º ENCORE ficasse confinada às páginas dos dois volumes publicados.

E há ainda o problema da mão-de-obra. Num processo, como é desejável e vem sendo anunciado, de aumento significativo das obras de reabilitação em detrimento da construção nova, a mão-de-obra requerida vai escassear, tornando-se necessário, também aqui, acções de formação.

As metas são ambiciosas e o desafio é grande. O 3.º ENCORE veio demonstrar que, pelo lado da pesquisa e do conhecimento, é possível lá chegar.

NUNO TEOTÓNIO PEREIRA,
Arquitecto.